

“Tecnocristais: fusões entre arte e tecnologia na obra de Guli Silberstein”

Lucas Murari e Nicholas Andueza



Catscape

Guli Silberstein¹ é um artista multimídia que combina sua formação em cinema com seu interesse pela pintura, explorando as capacidades criadoras da inteligência artificial e da *glitch art* em imagens fixas e obras audiovisuais. Ele obteve seu bacharelado em Roteiro (*Film Screenwriting*) pela Universidade de Tel Aviv e, posteriormente, concluiu seu mestrado em Estudos de Mídia (*Media Studies*) na *The New School University*, em Nova York, com especialização em mídias artísticas e produção digital. É uma figura ativa no cenário das artes visuais desde 2001, explorando diversas técnicas, como processamento computacional, colagens e outras abordagens criativas. Mora em Londres desde 2010.

¹ Imagens disponíveis em: <https://www.etsy.com/uk/shop/GuliSilberstein>

Suas produções surgiram das interações do artista com hardwares e softwares específicos, e são marcadas por composições vibrantes, coloridas e psicodélicas - Silberstein admite que prefere trabalhar com o colorido em vez do preto e branco. São audiovisualidades que, mesmo sendo na maioria das vezes figurativas, parecem a todo momento se derreter diante dos nossos olhos. A pesquisa estética desenvolvida por ele se concentra em explorar as possibilidades inerentes das mídias digitais. Isso envolve a investigação de novas técnicas, linguagens, e formatos que emergem nesse campo em constante e acelerada mutação. Sejam as obras fundamentadas nas potencialidades da imagem em movimento ou em suportes estáticos, elas se empenham em desbravar os limites do universo tecnológico. É uma busca incessante por novas maneiras de expressão com base nas novas mídias, um mergulho na experimentação que essas ferramentas oferecem. Seus trabalhos circulam por eventos de arte em diversos países e continentes, e já foram exibidos ao lado de renomados artistas, como Anselm Kiefer, Bruce Nauman, Yael Bartana, Michal Rovner, Michelangelo Pistoletto, Alfredo Jaar, Douglas Gordon, Chiharu Shiota, Jean-Luc Godard, Harun Farocki, Peter Campus, Tony Oursler, Mark Leckey, entre outros.

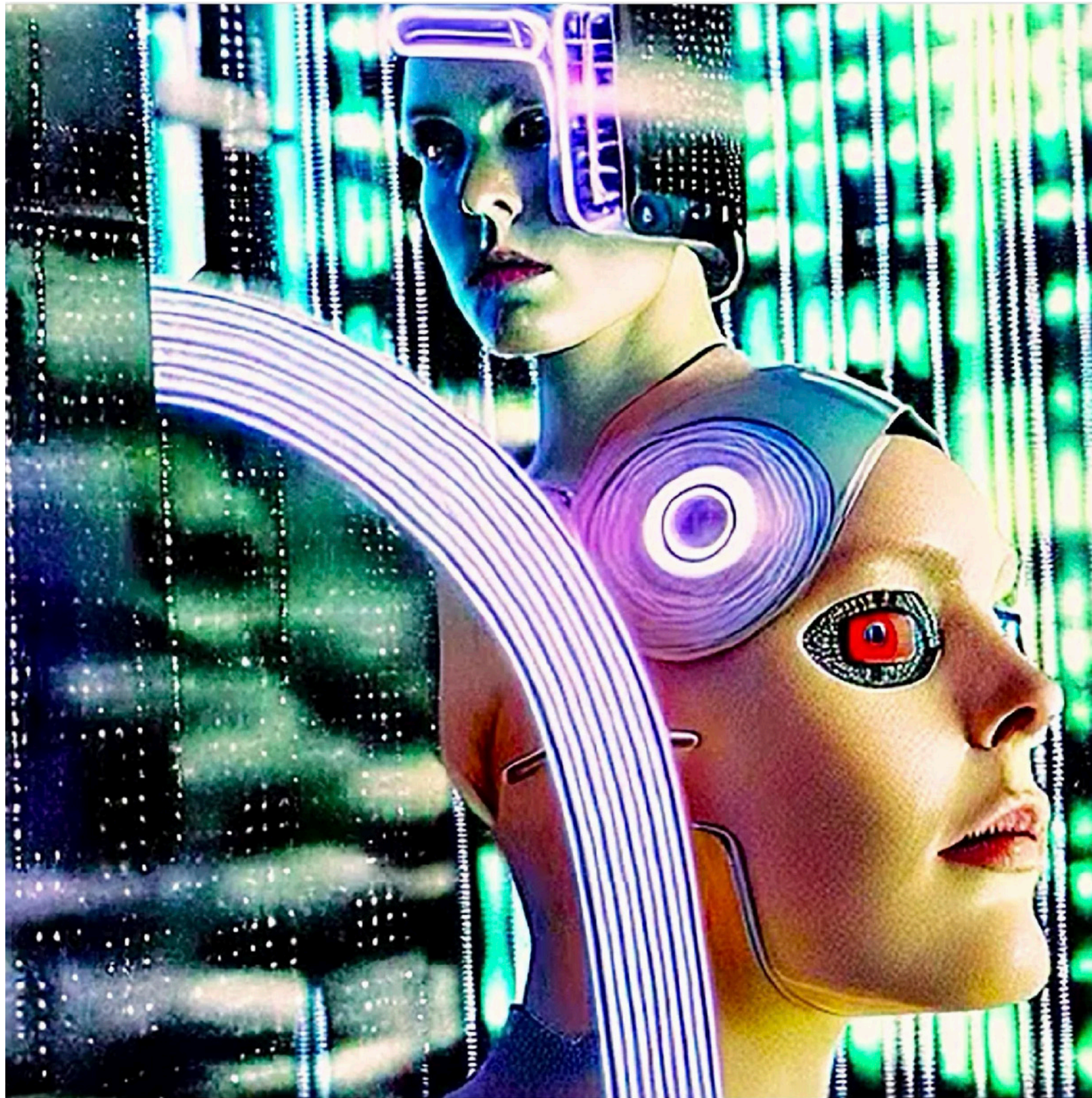
Neste portfólio, propomos uma série de imagens fixas que parecem misturar colagem e geração espontânea. Cores e contornos se misturam. Figuras se amontoam. Criam-se anti-padrões e anti-estruturas, cristais visuais de um dinamismo latente. Difícil não enxergar aqui e ali uma certa herança surrealista nas composições dispostas nesta modesta seleção de sua obra, talvez alguns ecos magritianos. Basta pensar, por exemplo, em *Looking Back*, que faz o tema da própria representação se abrir aos olhos como uma clareira na floresta. Sugerimos aqui Magritte, mas há também tantas outras referências pictóricas que o próprio Silberstein indica - e aqui aproveitamos para citar também obras audiovisuais, para além do portfólio. Há algo de Turner em *Matter & Light* (2019), por exemplo, com as paisagens oceânicas, as colorações atmosféricas e vivas do datamoshing; algo do figural de Francis Bacon em *The devil had other plans* (2020), dada a deformação e dissolução violenta do corpo e do mundo que o circunda.

Pela forma como desfaz e refaz imagens, Guli Silberstein evidencia que tratar das visualidades é tratar da própria existência. Por isso mesmo foi escolhido para a seção Portfólio deste dossiê sobre "Visualidades" da Revista Eco-Pós, que mira as culturas visuais em suas polivalências, em suas mobilidades e vetores multidirecionais. As cores de Silberstein, que vão para todos os lados, expressam bem esse movimento. A exploração estética do *glitch* também, ao caminhar para lados que as próprias imagens não preveem, revelando-as como processos em andamento, e não como objetos fixos, dados de uma vez por todas. O trabalho de Silberstein com inteligência artificial também traz essa multiplicidade própria das culturais visuais contemporâneas, anunciando talvez um de seus lados mais radicais, visto que, em vez da reprodução mecânica, cópia da cópia, ela é imagem que cria imagem, completando a mitologia do simulacro, subjetivizando a máquina. Em Guli Silberstein, as obras são ciborgues, como o próprio artista (note-se, aliás, o seu avatar nas redes sociais!). Ciborgues não só porque nascidas da junção cada vez menos discernível entre prazer humano e *prompt* metálico, mas também por trazerem almas de outros tempos.

Inspirado na história da arte (Magritte, Turner, Bacon - ele cita até Monet) e na lógica de programação computacional, a tela se transforma em uma plataforma versátil ao longo de seu trabalho. O artista combina elementos e técnicas de diferentes contextos, criando um diálogo entre passado e presente. Sua abordagem vai além dos limites convencionais, explorando territórios visuais que desafiam as possibilidades da criação contemporânea. Finalmente, como continuação a este Portfólio, como expansão e rompimento, é necessário recomendar a fruição do instagram do artista, [@gulisilb](https://www.instagram.com/gulisilb). Ali, Silberstein importa e continua seu fazer imagético, e, portanto, necessariamente midiático. Transcendendo os tradicionais espaços de arte (como museus, galerias, exposições) e ocupando as redes sociais, vemos com frequência a fusão hipnótica das mídias 2D e 3D. Um enxame de visualidades que colapsam umas nas outras sem cessar. E de novo, e de novo. Processo cultural e visual. Vertigem do agora, do vivo.



The Cybotanist



Cyborgs



Dancing



Eyes



We had the same dream



Looking Back